





Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR
CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------------------------------|
| O Ano do 1.º Centenário | <i>Redação</i> |
| Ainda, Ramatís | <i>V. O. Casella</i> |
| O Erro | <i>Henrique Rodrigues</i> |
| Igreja não, Escola | <i>Bianor Medeiros</i> |
| Livros e Autores | <i>Leopoldo Machado</i> |
| Incompreensão? Intolerância? | <i>Dr. Inácio Ferreira</i> |
| Operações Espirituais e Curas | <i>General Levino C. Wischral</i> |
| «A Missão de Allan Kardec» | <i>Aleixo Victor Magaldi</i> |
| Memórias de um Espírita Baiano | <i>Leopoldo Machado</i> |
| Crônica Estrangeira | <i>Redação</i> |
| Espiritismo no Brasil | <i>Redação</i> |

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Gotas de Luz
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Jesus no Lar
Os Mensageiros
Novas Mensagens
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1957 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✕ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antônia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

O Ano do 1.º Centenário

EM quasi todas as sociedades espíritas do Brasil, da Argentina, Cuba, México, e em outras nações onde haja um setor espírita, realizaram-se no dia 18 de Abril solenidades comemorativas do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, pois foi nêsse dia, em 1.857, que apareceu «O Livro dos Espíritos». Além das sociedades espíritas, organizaram-se no Brasil, em diversos Estados, movimentos espíritas para comemorarem o grande acontecimento, devendo as comemorações prosseguirem até 3 de Outubro do ano em curso.

Aquí em Matão, por exemplo, continuam as solenidades comemorativas do Ano do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, sob o patrocínio da União Municipal Espírita. Assim, de 7 a 12 de Maio último, a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», sob a orientação da Ume, realizou a 2.ª Semana Espírita de Matão, comemorativa do magno acontecimento. Pelo noticiário que publicámos e vamos publi-

cando, os prezados leitores ficarão a par do movimento espírita, nêsse sentido.

Um fato digno de menção, e que a nosso ver constitue um dos maiores movimentos comemorativos do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, foi o lançamento do sêlo postal, graças aos esforços da Federação Espírita Brasileira, que sempre se empenhou a fundo na defesa e propaganda da Doutrina. Êste fato teve grande repercussão no estrangeiro, segundo as publicações que temos sôbre a mesa de trabalho e vindas de Portugal, Inglaterra, Argentina e México. E teve também ampla e rumorosa repercussão de norte a sul do nosso país. Personalidades de destaque no meio cultural se manifestaram sôbre o assunto, umas a favor e outras contra a emissão do sêlo comemorativo do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo. O clero católico assistou as suas baterias contra o Espiritismo, de maneira a mais lamentável possível, procurando evitar o lançamento do sêlo. As altas dig-

nidades do clero movimentaram-se freneticamente, valendo-se de todo o seu prestígio, mas nada arranjaram e o selo foi posto à venda. Foi sem dúvida a primeira derrota do clero no país mais católico do mundo, segundo a sua própria afirmativa, e derrota fragorosa que põe em risco, perante as suas ovelhas, tudo quanto afirma para rebaixar até o extremo o Espiritismo. Razão teve o espírito de Humberto de Campos quando disse que o Brasil é o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho.

O Espiritismo prosseguirá na

realização da vontade de Deus, de nada valendo as arremetidas humanas contra a Verdade. Tenhamos fé em Deus, porque estamos trabalhando para que a sua vontade seja cumprida de acôrdo com as palavras do seu amado filho Jesus Cristo. Nada devendo temer portanto. Chegou a hora e agora é em que Deus, nosso Pai Celestial, será compreendido e adorado através das nossas obras de amor fraterno, e isto graças ao Paracleto da Promessa de Jesus, o Espiritismo.

Para a frente e para o Alto!

Ainda, Ramatís

I



AS mensagens mediúnicas que nos enviam as entidades do plano invisível não lembramos que alguma delas tenha causado, nos meios espíritas, sérias controvérsias, como as profecias de Ramatís que criaram uma forte corrente a seu favor.

Mas nós, com os poucos conhecimentos de que dispomos sobre os astros, e sem a pretensão de sermos irresponsáveis, iremos tentar aclarar o melhor possível, alguns conceitos de Ramatís, visando desfazer confusões, dentro dos bons princípios do kardecismo.

Mas antes, neste primeiro trabalho, como introdução, vamos apenas demonstrar o valor dos cálculos matemáticos em Astronomia, os quais anteciparam as observações telescópicas na descoberta de alguns planêtas, e deixaremos para a próxima vez os esclarecimentos sobre o planêta de Ramatís, ocasião em que recorreremos aos cálculos keplerianos.

Assim, com êste início, o leitor que não estiver familiarizado com o assunto dos astros, poderá compreender que os cálculos empregados em astronomia são conclusões baseadas nas leis sem exce-

ções da mecânica celeste, reveladas em linguagem numérica.

Contestá-los, é revelar completo desconhecimento das leis que regem a maravilhosa obra da Criação, duvidando da capacidade do Arquiteto Divino.

Inicialmente vamos recordar que os planêtas, girando ao redor do Sol, conservam entre si relativas distâncias. Mas acontece que os astrônomos, já no passado, notaram que entre as órbitas de Marte e Júpiter havia uma distância maior, revelando ali um grande vazio, contrariando a ordem de separação, entre os demais corpos celestes, do nosso sistema planetário.

Como se poderia conceber aquêlê espaço, parecendo uma anomalia da natureza, se não há exceções nas leis do Universo?

Mas João E. Bode, astrônomo alemão, em 1778, descobriu uma regra de progressão geométrica que, apesar de simples, apresentava de modo relativo, curiosos cálculos sobre as distâncias dos planêtas.

Assim, a lei de Bode, como se chamou, reclamava ali naquele vazio, o lugar de um corpo planetário.

Então, poderiam os cálculos do célebre astrônomo antecipar as observa-

ções astronômicas? Que sabe o homem para denunciar com fórmulas numéricas, astros ainda não revelados pelas nossas lentes?

No entanto, João E. Bode tinha razão. Essa sua lei demonstrou que o homem, êsse minúsculo verme, fisicamente chumbado na Terra, mentalmente pode percorrer assombrosas distâncias através de cálculos, descobrindo corpos celestes ainda não revelados pelas observações telescópicas.

Foi assim que, orientados pela lei de Bode, vinte e quatro astrônomos, como verdadeiros polícias do céu, postados em vários países, sob a chefia do Barão F. Von Zach, do Ob. de Gotha, Alemanha, após um ano de contínua vigilância sobre aquele inexplicável espaço, localizaram naquela área um minúsculo corpo planetário. Essa primazia coube ao astrônomo italiano, Giuseppe Piazzi, em 1.º de janeiro de 1.801. Hoje se conhece naquele espaço centenas desses corpos celestes, denominados Asteróides.

Essa descoberta veio confirmar a vitória da mente humana, pelos cálculos numéricos, na revelação das leis do Universo.

Outro fato interessante, atestando o valor da inteligência do Homem, atingindo distâncias, foi a descoberta do planeta Netuno.

Quando Herschel descobriu o planeta Urano, êste astro caminhava discordando dos cálculos sobre a regularidade de sua marcha.

Mas desta vez, não seria mesmo uma exceção nas leis de causa e efeito da natureza sideral?

Não podia ser. Se houvesse exceção nas leis do Universo os nossos cálculos seriam nulos, revelando imperfeição da maravilhosa obra da Criação Divina.

Assim, os cálculos pacientemente elaborados acusavam implacavelmente que mais além, perturbando a marcha de Urano, deveria existir outro planeta. Orientados por êsses cálculos, Johann Galle,

astrônomo alemão, como autêntico general em campanha, com o auxílio de um mapa do céu, conseguiu na noite de 1846, localizar no lugar indicado pela inteligência do Homem, o astro perturbador do seu vizinho celeste.

Após essa vitória, logo se percebeu que a batalha ainda não estava terminada. Os cálculos continuavam ainda acusando outras anormalidades na marcha de Urano, reclamando novas pesquisas. Foi quando Flammarion previu a existência de outro planeta mais distante de Netuno.

De fato, dois astrônomos americanos confirmaram pelos cálculos a denúncia do célebre astrônomo francês.

Finalmente, em 1930, o Dr. V. M. Sipler, Diretor do Ob. Lowe, dos E. Unidos, conseguiu mais essa vitória da ciência pela descoberta do planeta Plutão.

Como vemos, a perfeição da mecânica celeste não desmente os cálculos científicos dos nossos observadores. E a ciência tem sido positiva nas suas pesquisas, e não é materialista no sentido absoluto, como oportunamente ainda desejaremos demonstrar.

Na nossa modesta opinião, se os espíritas em geral se dedicassem em conhecer pelo menos a parte elementar da ciência astronômica, deixando os conhecimentos mais profundos para os mais versados em estudos dessa natureza, talvez não surgiriam certos desentendimentos como o caso das profecias de Ramatis. Conhecendo-se o assunto, as mensagens dessa natureza teriam que passar pelo crivo da verdade, com aproveitamento somente das partes incapazes de justificar contestações.

E aqui findamos essa parte introdutiva e, conforme já dissemos de início, voltaremos ao assunto, cuidando do planeta de Ramatis, no próximo número desta Revista.

V. O. CASELLA.

Avenida Barroso, 378—Araraquara
Estado S. Paulo

O maior tesouro que podeis conquistar está no aprimoramento do sentimento através da prática da caridade nas suas variadas modalidades. Sem a prática desta virtude, filha do amor, jamais conseguireis tornar-vos dignos da verdadeira felicidade. Que as vossas obras, ações e gestos tenham, pois, por bússola, a caridade, no bom aproveitamento da existência terrena.

CAIRBAR.

O ÊRRO

Henrique Rodrigues

— IV —

André Luiz, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, nos ensina: «Em vão condenará você o pântano. Ajude-o a purificar-se. No caminho pedregoso, não atire calhaus nos outros. Transforme os calhaus em obras úteis» e ainda mais: «É sempre fácil observar o mal e identificá-lo. Entretanto, o que o Cristo espera de nós outros é a descoberta e o cultivo do bem para que o divino Amor seja glorificado».

Diante portanto do crime mais nefando, abstenhâmo-nos de examinar o mundo íntimo do criminoso, no que tange à execução de seu ato. Não lhe conhecemos a história desde o início, não lhe sabemos o grau evolutivo que determina a cada um de nós uma reação diferente para uma mesma causa. Não sabemos quantos fatores estranhos e colaterais preponderaram sôbre aquela criatura para justificar-lhe tal ato. Justificar-lhe sim! porque tudo tem uma razão. Não nos poderá surpreender o coice de um cavalo ou a mordedura de um cão, e por idêntico motivo, não nos podemos revoltar contra a ingratidão, a estupidez e a perversidade do involuído. A mulher bela e rica de tesouros materiais, que é dos pés a cabeça um estojo de joias, sustenta com seu fausto uma infinidade de atividades que lhe propicia a posse de grandes somas. Talvez suas pérolas tenham origem nas regiões miseráveis do Oriente, onde humildes mergulhadores ganham sua vida na faina diária de arrebanhá-las, cumprindo um duro caminho de aprendizado. Suas rendas, adôrnos fúteis de seus vestidos, talvez provenham de desnutridas fiandeiras que possuem nessa única habilidade o meio honesto de ganhar seu amargo pão de cada dia. Seu ouro originar-se-á provavelmente das profundezas da terra onde operários desnudos obtêm assim seu sustento, ou do leito dos rios, frios e palustres, onde bateadores o buscam e em troca do qual virá o magro reconforto da necessidade mais premente do organismo humano. E a seda! de onde lhe vem? Certamente provirá do *simplório*

bicho da seda, criação divina, e dos teares onde as também divinas operárias se debruçam para conquistar o valor que corresponderá às obrigações de seus lares. A pérola, a renda, o ouro ou a seda, o perfume que provém das flores e em cuja obtenção muitos trabalham, como tudo que é e existe, tem sua origem divina, e para algo foram feitos. Se não podemos apreender sua exata destinação, cumpre-nos apenas, observar e meditar, sômente...

Que seria da legião de trabalhadores que labuta nos infinitos mistêres da procura, transporte, manufatura, guarda, venda das riquezas que vestem o lindo corpo daquela mulher, se o mercado, a conselho de moralistas e puritanos exaltados, se extinguisse da noite para o dia?

Deixemos a mulher; deixemos o alheio na sua peregrinação pela estrada da vida. Ela, como nós, paga, de uma forma ou de outra, seu tributo de dôr em parcelas e condições que nos fogem e que nos é absolutamente vedado penetrar. *Está ela errada?* Não irmãos! está certa! Talvez sofra mais do que supomos, pois a dôr não se alivia com dinheiro. Tudo pode ela comprar no mundo das superficialidades, mas no do espírito, lá onde a felicidade habita, de nada vale seu dinheiro. Não pode subornar a dôr, cujas origens, nem ela mesmo sabe.

Diz Emmanuel:—«Será inútil fustigar moscas sôbre o fóco infeccioso a pretexto de sanar o mal. Determina a lógica a extinção daquêle. O homem, herdeiro do Céu, *refletirá sempre a Pateridade Divina, no nível em que se encontra*». Nada mais precisaríamos aduzir. Bastaria essa afirmativa para cancelar qualquer dúvida quanto à origem, e essência que anima o homem, e mais, que o que denominamos êrros, não passam de ações também divinas, no plano em que nós, manifestação divina que somos, nos encontramos. Encerrarei estas considerações valendo-me ainda das profundas observações do preclaro espírito

de André Luiz: — Denominam-se «Realidades e Aparências»:

«O palhaço que você ironiza é, frequentemente, valoroso soldado de bom ânimo».

«A mulher, extremamente adornada, que você costuma desaproveitar em certas ocasiões, está procedendo assim para ajudar numerosas mãos que trabalham».

«A cantora que baila sorrindo e da qual você comumente se afasta entediado, na suposição de conservar a virtude, geralmente procura ganhar o pão para muitos familiares necessitados, merecendo consideração e respeito».

«Não julgue o próximo pelo guarda-roupa ou pela máscara. A verdade, como o Reino de Deus, nunca surge com aparências exteriores».

«Não acuse o irmão que parece mais abastado. Talvez seja simples escravo de compromissos».

«Não se aborreça com a pessoa de conversação ainda fútil. Você também era assim quando lhe faltava experiência».

«Não murmure contra os jovens menos responsáveis. Ajude-os, quanto estiver ao seu alcance, recordando que você já foi leviano para muita gente».

E finalmente: — «Não seja intolerante em situação alguma. O relógio bate, incessante, e você será surpreendido por inúmeros problemas difíceis em seu caminho e no caminho daqueles que você ama».

Não fôsse a preocupação de não tornarmos demasiado extenso este trabalho, e por longo espaço nos deteríamos a examinar a incontável sequência de inventos e descobertas, nos mais variados campos da atividade do homem e que na aparência de nosso imediatismo, foram frutos de êrros ou do multiforme acaso, e que redundaram assim em grande progresso para a humanidade.

Para estudarmos mais acertadamente o homem, necessário se torna que partamos do que êle tem de melhor e não do pior. Nos problemas da psiquê, a base não conduz ao cimo, porque o pesquisador se perde em enganosos desvios. Temos que partir do mais sério problema, porque uma vez solucionado êste, todos os outros terão solução também, pois estaremos de posse da equação. Do «inconsciente ao consciente» como diz o Dr. Gustavo Geley, em seu livro que possui essa denominação, o método a

seguir será sempre do mais complexo para o mais simples. É tão completo o ensino do Dr. Geley, que não resisto a expô-lo em tradução nossa: —

«No estudo filosófico dos fenômenos da vida, se se vai do cume à base, do homem à animalidade superior, da animalidade superior à animalidade inferior, chegaremos à conclusão de que a consciência é o fator mais importante da vida, porque é o que de maior importância existe no homem. Somos pois impelidos a concluir que a consciência, com tudo o que constitui suas ramificações, se estende, estreitando-se pouco a pouco, até que nos animais menos evoluídos fica reduzida a um simples esboço». E Augusto Comte completa esta definição dizendo: «Se se tratar dos caracteres da animalidade, devemos partir do homem e notar como degradam pouco a pouco, ao envés de partir da esponja para ver como se desenvolvem. A vida animal do homem nos ajuda a compreender a da esponja, mas a recíproca não nos ajudará a compreender o homem».

Para entendermos êste, não podemos partir de seus êrros e concluir por êles a sua origem não divina. Assim como o universo é uma máquina e dentro dela somos um simples parafuso, decrescendo, diremos que nós somos uma máquina, e uma ação nossa, ou um êrro, é um simples ruído da máquina que somos nós. O impossível é querer compreender a máquina, através de um único som produzido por ela. Êssa síntese, ainda não existe, pois nos faltam capacidades psicométricas para tal. Muito oportuno o comentário de M. J. Loeb ao dizer que: — «Felizes dos físicos que não conheceram jamais o método de pesquisas dos cortes e das colorações. Que sucederá se por acaso cair uma máquina a vapor nas mãos de um fisico histólogo? Que milhares de cortes em sua superfície e em sua espessura, diversamente coloridas e recoloridas; que infinidade de desenhos e de figuras sem chegar a compreender que o que está em exame, é uma máquina alimentada por fogo e que serve para transformar o calor em movimento».

Carece o pesquisador dos problemas humanos não raro de coerência. O que há poucos instantes combateu com veemência lhe escapa da memória,

e flagrantemente se coloca contra a sua própria opinião. Verbera o êrro, mas erra também, na mesma concepção que êle tem dêsse fenômeno. Defende a virtude mas não é virtuoso, condena o supérfluo, mas veste-se e fala com cunhos de superficialidade, burilando a forma do palavreado, mas deixando essa bela forma, vazia de substância. É o rôto, rindo do esfarrapado. A necessidade fundamental do homem é a educação; a ignorância o seu maior mal. Procurem o conhecimento, e a moral proveniente do conhecimento das leis fluirá imperceptivelmente e surpreendentemente com a naturalidade que lhe atesta maior valor. A pregação moral, vazia de razões, tipicamente tentada como a evolução imposta de fóra para dentro, é milenarmente repetida por escritores e oradores, antecipadamente destinada ao mesmo fim. As assembléias que as escutam, saem como entraram, sem saber porque, qual a razão pela qual o bem e não o mal é o caminho da redenção, ficando em dúvida se não foi a arbitrariedade de um ser poderoso que a seu bel prazer o ditasse como artigo de lei, sem outra justificativa que não esta. O homem tem que renovar-se de dentro para fóra, afim de que suas formas exteriores, velhas e grosseiras, venham a cair pela fôrça geradora de novas formas, que procurarão ao exemplo do electron do átomo ganhar maior complexidade e maior pêso, pêso êsse que o qualifica como elemento mais velho, mais amadurecido, mais próximo de sua finalidade.

O entrechoque de opiniões, de credos e teorias é um índice seguro do amadurecimento espiritual da humanidade. A pesquisa é fruto dêsse antagonis-

mo, refletindo também a insatisfação pelo que se vai tornando velho para satisfazer a maior capacidade e necessidade do homem.

No próprio fato da negação da origem divina do homem que erra, (e na conceituação atual do êrro, todos nós erramos), está a afirmação da vontade, da necessidade e até mesmo da possibilidade do criado em saber sua paternidade. Os anacronismos religiosos, filosóficos e científico-materialistas, têm oposto sérios obstáculos a essa conquista, mas a afloração dessa espécie de luta demonstra que o momento é chegado e como tal, determina a lei evolutiva maiores esclarecimentos em tôrno dêsse milenar problema.

Valho-me da sábia filosofia indú, através das palavras de Rabindranath Tagore, para encerrar êste trabalho. Diz êle : —

«Quando sentimos que germina em nosso mundo íntimo o anseio de indagar qual é a verdadeira finalidade que encerra O SENTIDO DA VIDA, temos de compreender que a evolução do ser chegou a uma etapa decisiva, na qual, todos móveis pelos quais o homem luta perderam súbitamente seu valor e seu atrativo. Porque na realidade, as diferentes atividades humanas não são mais QUE MERAS EXPERIÊNCIAS QUE SERVEM PARA CONDUZIR O HOMEM AO DESPERTAR DA VIDA DO ESPÍRITO».

NOTA — *Todos aspeados, cujos autores não estejam nomeados, são extrações da GRANDE SÍNTESE.*

IGREJA NÃO, ESCOLA

(Conclusão)

Assim, pelo conhecimento da verdade espiritual, o espírito reconhece os seus próprios êrros, se arrepende, muda de vida, de hábitos, de tendências e inclinações, se renova, torna-se espírito puro, perfeito, santo, limpo, iluminado, vaso escolhido, habitação do Altíssimo, Santuário vivo do Senhor e Mestre, Templo vivo do espírito da verdade. O Senhor virá a êle, em espírito e vida, e habitará nêle,

porque não mora em casas de pedras feitas pela mão dos homens, mas no coração dos justos, do espírito puro, perfeito, completo, acabado. Este é o culto interior, a vida interior que se conquista pela renovação do Mundo interior, pelo desenvolvimento dos nossos dons espirituais: a compreensão, o discernimento, a sensibilidade moral, a valorização própria, a visão, a audição, a orientação esclarecida e consciente.

— Bianor Medeiros

X. — Jesus fundou uma escola oral ambulante. Ensinava nas praias, nos montes, no Templo, nas Sinagogas, na casa de seus discípulos, nos caminhos, nos barcos, em terra, nas águas e até mesmo na cruz ensinou a sua doutrina. A escola fundada pelo Divino Mestre é muito diferente das escolas fundadas pelos homens. Visa ela formar personalidade cristã, mentalidade cristã, pelo ensino da vida espiritual superior. Tem por objetivo santificar o homem e libertá-lo da escravidão do pecado e da carne. Por isto Jesus foi Mestre por excelência para ensinar a verdade espiritual por excelência. Aos seus discípulos ordenava: Ide e pregai. «Ide por todo o mundo e pregai a boa nova a toda criatura» (Marcos, XVI, 15).

Que Jesus criou uma escola de alfabetização espiritual na Terra, que se projeta pela eternidade afóra, está por demais provado nos Evangelhos:

«E começou de novo a ensinar à beira do mar.» (Marcos, VI, 1). «E todos os dias ensinava no Templo» (Lucas, XIX, 47). «E ia para as cidades e aldeias ensinando e caminhando para Jerusalém.» (Lucas, XIII, 22). «E os enviou para pregar o reino de Deus e curar os enfêrmos.» (Lucas, V, 17). «E ensinava na Sinagoga dêles e todos o elogiavam.» (Lucas, IV, 15). «Nem vos intituleis mestres porque um só é o vosso Mestre, o Cristo.» (Mateus, XXIII, 10). «Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou.» (João, XIII, 13) «Jesus subiu ao Templo e ensinava.» (João, VII, 14) etc...

Se a prova de que Jesus era realmente Mestre, «rabi», é abundante, o mesmo acontece com a prova referente aos discípulos, como se passa a demonstrar:

«E chegando-se a seus discípulos» (Marcos, XI, 13); — «E saiu Jesus com seus discípulos» (Marcos, VIII, 27); «E entrando logo na barca com seus discípulos» (Marcos, VIII, 10); «Chamando os discípulos lhes disse» (Marcos, VIII, 1); «Enviou dois discípulos seus» (Lucas, XXX, 29); «E disse a seus discípulos» (João, VI, 61); «Nesse interim seus discípulos lhe pediram» (João, VI, 61); «Depois Jesus tornou a se mostrar a seus discípulos» (João, XXI, 21); «E os discípulos lhe perguntaram» (Mateus, XVII, 10); «Desde então Jesus começou a declarar a seus discípulos» (Mateus, XVI, 21), etc...

XI.— Jesus em seus ensinamentos destruiu

as pretensões da Igreja e do primado de Pedro e do papa, de modo que não resta a menor dúvida, como se passa a esclarecer:

1.— «Mas quem se fizer humilde como êste menino, êsse será o maior no reino dos céus» (Mateus, XVIII, 4);

2. — «Mas Jesus os chamou e lhes disse: Sabeis que os príncipes dos gentios os dominam e que os mais poderosos exercem o poder sôbre êles.

«Entre vós não será assim; mas, entre vós, todo o que quiser ser o maior, seja o vosso servo»; «E quem entre vós quiser ser o primeiro, êsse seja o que vos sirva; pois assim veio o Filho do homem, não para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em redenção por muitos». (Mateus, XX, 25/28).

3. — «Mas vós não queirais ser chamados mestres, porque um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos. E a ninguém chameis de pai sôbre a Terra; porque um só é o vosso Pai que está nos Céus. Nem vos intituleis mestres, porque um só é o vosso Mestre, o Cristo. O que entre vós é o maior será vosso servo. Porque quem se exaltar será humilhado; e quem se humilhar será exaltado». (Mateus, XXIII, 8/12).

4.— «... porque quem dentre vós for o menor esse é o maior. Então João, tomando a palavra, disse: «Mestre, nós vimos um que expulsava os demônios em teu nome e lho proibimos, porque não anda conosco. E Jesus lhe disse: Não lho proibais; porque quem não é contra vós é por vós». (Lucas, IX, 48/50).

5. — «Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Se, porém eu, Senhor e Mestre, lavei os vossos pés, também deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, vós façais também. Em verdade, em verdade vos digo: O Servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, sereis bem aventurados se as praticardes. (João, XIII, 13/17).

6. — «Assim os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos». (Mateus, XX, 18).

7. — «Êle, voltando se para Pedro, lhe disse: Retira-te de mim, Satanás, porque me serves de escândalo, pois não comprehendes as coisas que são de Deus,

mas as que são dos homens». (Mateus, XVI, 23).

Nestas condições, Jesus pregou, ensinou, exemplificou a humildade, a renúncia, a igualdade entre todos, o despreendimento das situações de mando, de autoridade, de poder e de governo temporal, destruindo o Papa, que se arvora em papai da humanidade e toda a organização clerical e a própria casta sacerdotal como prejudicial ao progresso espiritual dos homens.

XII. — Ainda sob o ponto de vista Jurídico ou legal, verificamos que os versículos 18 e 19 do Evangelho atribuído a Mateus, não passa de uma usurpação das atribuições do Espírito da Verdade, também chamado Espírito Santo e Espírito Consolador. Com efeito: é princípio jurídico milenário, de todos os tempos e lugares, que uma só testemunha nada prova, mas é necessário o concurso de duas ou três testemunhas para provarmos a existência de qualquer ato ou fato. Testemunha é a pessoa que viu e ouviu e sabe da existência do fato ou do ato, de ciência própria. Na espécie sómente o Evangelho atribuído a Mateus narra ou registra o conteúdo dos versículos 18 e 19, sem que nenhum outro evangelista faça tal referência; que também não é lembrada nem mesmo por Simão Pedro em suas cartas. Logo esse trecho todo grifado por nós na primeira página, não é verdadeiro mas apócrifo, simples interpolação do terceiro século, que não merece fé e certamente praticada por quem tinha interesse em ser o primeiro papa e modificar o curso do Cristianismo, desviando-se dos seus fundamentos. A verdade se fundamenta em fatos e os fatos precisam ser provados para que mereçam fé. É o que nos ensina o Deuteronomio, XIX, 15: «Não valerá contra alguém uma só testemunha, qualquer que seja o delito ou crime; *mas tudo será verificado sobre o depoimento de duas ou três testemunhas.*» O mesmo princípio é ensinado pelo Direito Romano, através de consagrado provérbio: «*Testis unus, testis nullus*» — «Uma só testemunha nada prova». Ainda o nosso Código de Processo Civil consagra o milenário princípio, em seu artigo 237, § único: «A prova de qualquer fato se faz com três testemunhas.» Assim, fato de tal monta não pode fugir à regra universal de prova, nem à crítica construtiva que o próprio Divino Mestre respeitava, quando

praticava qualquer ato que não queria fosse divulgado no momento mas, mais tarde, como fez com Pedro, Tiago e João, testemunhas oculares da Transfiguração do monte Tabor.

XIII. — Afinal, comparando os quatro evangelhos em estudo, verificamos a concordância de três dêles, em dois pontos (Mateus, Marcos, Lucas): 1) — Disse-lhes Jesus: tu és o Cristo, Filho de Deus vivo (Mateus); tú és o Cristo (Marcos); tú és o Cristo de Deus (Lucas), uniformes nas idéias e quasi palavra por palavra. 2) — Então mandou a seus discípulos que a ninguém dissessem que êle era Jesus Cristo (Mateus); E êle proibiu-lhe severamente que a ninguém dissessem isto dêle (Marcos); E êle falando-lhes energicamente mandou que não dissessem isto a ninguém (Lucas) com uniformidade e quasi palavra por palavra. Nestas condições, a lição que se tira dos textos é esta: 1) que Jesus fez a pergunta; 2) que Simão respondeu-a certo, inspirado pelo Espírito da Verdade e não de si mesmo; 3) — Jesus proibiu-lhes a revelação da verdade histórica. Assim aparece claramente o enxêrto indébito: os versículos 18 e 19.

XIV. — João não narra os fatos registrados por Mateus, Marcos e Lucas. Atribue, isoladamente, o pastoreio do rebanho (os discípulos) a Simão, que só por si nada prova, eis que o ensino Judaico e Cristão prova o contrário, como se verifica: Salmos, XXIII, 1: «Jehovah é o meu pastor; nada me faltará.»; Salmos, LXXX, 1: «Escuta, é pastor de Israel.»; Isaías. XL, 10/11: Eis que o Senhor Jehovah virá como um valente e o seu braço dominará por êle; eis que o seu galardão está com êle, a sua recompensa deante dêle; como pastor êle apascentará o seu rebanho.»; Jeremias, III, 23: «Na verdade em Jehovah nosso Deus está a Salvação de Israel.»; Ezequiel, XXXIV, 22/23: «portanto salvaréi o meu rebanho e êle não servirá mais de presa; e julgarei entre ovelhas e ovelhas. Suscitarei sôbre êle «um só pastor, que as apascentará, meu servo David. Ele as apascentará e lhes servirá de pastor.»; Eclesiastes, XII, 11: «As palavras dos sábios são como agulhões e como pregos bem afixados; são as palavras dos mestres de assembléias; elas são dadas pelo Único Pastor.»; Hebreus, XIII, 20/21: O Deus de paz, que dos mortos trouxe outra vez pelo sangue de uma aliança eterna a Jesus, nosso Senhor, *grande pastor de ovelhas,*

vos aperfeiçoem em todo o bem, para que façais a sua vontade, fazendo êle em nós, o que é aprazível aos seus olhos, mediante Jesus Cristo, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos.» (João X, 14/16): «Eu sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e as que são minhas, me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai e dou a minha vida pelas ovelhas. Tenho também outras ovelhas que não são dêste aprisco, estas também é necessário que eu as traga; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor.» (Jesus). Diante do exposto, provado à sociedade, verificamos que, também, o texto de João é apócrifo, testemunha falsa, simples interpolação da mesma época que não merece fé, por ser inteiramente contrário aos ensinamentos gerais de todos os tempos.

XV. — As idéias de pedra e chave são igualmente desmentidas pelos textos: 1) — Isaias, XXII, 22: «Porei sôbre o seu ombro a chave da casa de David; êle abrirá e ninguém fechará; fechará e ninguém abrirá». 2) Apocalipse, III, 7: «isto diz o Santo, o Verdadeiro, o que tem a chave de David, e que abre e ninguém fecha, o que fecha e ninguém abre». Apocalipse, IX, 1: «Vi uma estrela caída do Céu na Terra e foi-lhe dada a chave do poço do abismo». Apocalipse, XX, 1: «Vi um anjo descendo do Céu, tendo a chave do abismo e tendo uma grande cadeia na mão». Apocalipse, I, 18: «Eu sou o primeiro e o ultimo; fui morto e estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do Hades (o Escondido, o Mundo Invisível)». Lucas, XI, 52: «Ai de vós, doutores da lei porque tirastes a chave da ciência: vós mesmos não entrastes e impedistes os que entravam».

Com relação a pedra os textos são de clareza meridiana, a pedra angular é o Cristo: Pedro, Atos, IV, 10/12: «Seja notório a todos vós e a todo povo de Israel que em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, neste nome está êste enfermo aqui são diante de vós. Êle é a pedra, desprezada por vós, edificadores, a qual foi posta como a pedra angular. Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não há outro nome dado entre os homens, em que devamos ser salvos». Mateus, XXI, 42: Perguntou-lhes Jesus: «Nunca lêstes nas Escrituras: A pedra que

os edificadores rejeitaram, essa foi posta como a pedra angular.» Gênesis, XLIX, 24: «O seu arco susteve-se no forte; e as prisões dos seus braços e das suas mãos foram retas pela mão do forte de Jacob: dali saiu êle para ser o pastor e a pedra de Israel». I Pedro, II, 6: «Por isso é que se acha na Escritura: Eis que ponho em Sião a principal pedra angular, eleita e preciosa e aquêle que nêle crê, não será envergonhado». «Para vós, portanto, que crêdes, é a honra; mas para aqueles que descreem, a pedra que os edificadores rejeitaram, esta foi posta como pedra angular». (7). (Ver Marcos, XII, 10; Lucas, XX, 17, etc.)

XVI. — Ligeira Correção:

A substantivação do adjetivo gera muitas vezes confusão que deve ser evitada para clareza do pensamento e do texto. Por isto se deve dizer — «Verdadeiro Espírito» ou «Espírito Verdadeiro» e não «Espírito da verdade», como se deve dizer «espírito santificado» e não «espírito santo» e ainda traduzir o grego «paracleto» por «espírito chamado» ou «espírito invocado», seus correspondentes em português. Nisto não há criação nova, mas fidelidade ao pensamento divino reduzido à palavras humanas, em processo de tradução mais acessível à compreensão de todos. São modos de dizer e de traduzir.

XVII. — Conclusão:

Nos textos sagrados estão incluídas muitas palavras profanas que representam idéias profanas estranhas aos ensinamentos espirituais do Divino Mestre. As vezes estas interpelações abrangem versículos inteiros que devem ser eliminados da Bíblia por serem simples enxertos, estranhos ao corpo da doutrina. No presente estudo encontramos a palavra Igreja bem como os versículos 18 e 19 do capítulo XVI do Evangelho atribuído a Mateus e ainda os versículos 15, 16 e 17 do Capítulo XXI, do Evangelho atribuído a João, nestas condições.

Em verdade Jesus ensinou uma doutrina que constitue uma escola viva de espiritualização do homem terreno, preparando-o, aqui, para que se integre na vida espiritual superior do outro mundo. Depois de seu desincarne confiou essa tarefa aos puros espíritos libertos das limi-

tações da carne, pelo ensino revelado através dos nossos próprios dons espirituais desenvolvidos pela ginástica da fé esclarecida. Assim, o católico é um simples discípulo de Jesus, como qualquer outro, é uma simples ovelha do grande rebanho

humano, sujeito as mesmas leis e obrigações, gozando dos mesmos direitos, com a mesma origem e o mesmo destino glorioso reservado a todos os filhos do Altíssimo.

22-1-1957.

LIVROS E AUTORES

LEOPOLDO MACHADO

VERSOS DA MOCIDADE, de Amadeu Santos e Sebastião Lasneau

Versos da Mocidade é uma coletânea de versos de dois autores, Amadeu Santos e Sebastião Lasneau.

Versos para a *Mocidade que Declama*, para a *Mocidade que Canta*, para a *Mocidade que Medita*...

O volume que nos enviou Sebastião Lasneau, traz esta dedicatória:

«Ao professor Leopoldo Colombo de novidades Que, no mar do Espiritismo, Descobriu a Mocidade...»

Mocidade Espírita, já se vê, que já existia, à espera de quem lhe soubesse dar valimento, estímulo, fôrça. Foi o que fizemos, aliás, auxiliado pelo Lasneau, pelo Amadeu e por outros idealistas da primeira hora. Descoberta que culminou, para nós, no Congresso das Mocidades Espíritas, de 1948. Feliz, ou felizes em tudo? E o foi o Colombo, descobrindo, em outros mares, a América? Fizemos, e parece que mal, o que nos cabia fazer. Só isso nos bastou. E foi o suficiente para dar-nos matéria para mais um livresco elaborado, aguardando tempo e oportunidade para seu aparecimento: *Espiritismo para Moços* — (História sintética do movimento de mocidades espíritas do Brasil).

Amadeu Santos dedicou nos outro volume, com esta dedicatória: «Ao querido e insubstituível mestre e amigo, Leopoldo Machado, toda consideração e a real estima do Amadeu Santos.

Nova Iguassú, 3/8/1956».

Versos à Mocidade, por sua impressão modesta, se não impressiona pe-

la apresentação gráfica, agrada pelas estrofes nos moldes clássicos que nelesse contém. Livro de dupla autoria, não se pode distinguir as estrofes de Amadeu Santos e as de Sebastião Lasneau. Só por quem conhece bem os dois estilos. Contudo, não é difícil de distinguir algumas estrofes, como isto, extraído do *Atire a Primeira Pedra*, em extrato:

«Que dizes Tu, Senhor, que devemos [fazer?

Jesus olhou-os bem e se pôs a escrever, Na areia, alguma coisa... Algum alar[tamento...

«Que dizes Tu, Senhor?» Então nesse [momento,

Sabendo o Salvador que sentimento medra Nas almas que ali estão, diz calmo e [compassado:

—«Aquele que entre vós estiver sem pe-[cado,

Seja, então, o primeiro a lhe atirar a [pedra».

Dito isto, Jesus nada mais quis dizer; Baixou-se, novamente, e voltou a escrever. E Jesus e a mulher, por fim ficaram sós.

O Mestre, levantando os olhos cisma-[dores,

Perguntou-lhe:—«Mulher, os teus acusa-[dores

Onde é que eles estão? Ninguém te [condenou?»

—«Ninguém, ninguém, Senhor», a pobre [balbuciou

—«Tampouco eu te condeno, ó filha, se-[gue em paz,

Procura ser feliz, porém, não peques [mais!...»

Na segunda parte, vimos a *Prece a Jesus*, que nossas filhas do LAR DE JESUS cantam, sem saberem canto, com arte e emoção. E outras composições

musicais metidas em músicas de todos conhecidas. Talvez seja esta a parte mais interessante do volume porque destinada à Mocidade que canta à mocidade ou a infância que canta. E que bonitas letras ajustadas às belas músicas conhecidas, que devem ser cantadas porque, para nós, o primeiro esforço de público para, em nome do Espiritismo, substituam músicas profanas e sambinhas repinçados que ainda se vai cantando por aí e até mesmo nas festas espíritas...

Fechemos estas notas com o belíssimo soneto, da terceira parte. O *Milagre das Rosas* em que talvez se descubra o estilo magnífico de Sebastião Lanneau :

*«Caminheiro sem norte, alma perdida
No desvão deste mundo enganador,
Tinha os olhos fechados para a vida
E o coração fechado às leis do Amor.*

*Um dia, em meio à estrada percorrida,
Sentindo a luz de um sol deslumbrador,
Tive os olhos abertos para a Vida
E o coração aberto às leis do Amor.*

*E por isto, o Evangelho, áureo clarão
Que fez da minha vida um roseiral,
Num milagre de eterna floração,*

*Vive dentro em minhalma, aberto em luz
Tendo a um lado, Izabel de Portugal
E, ao outro, Terezinha de Jesus.*

|| Incompreensão ? Intolerância ? ||

Dr. Inácio Ferreira

Assim como determinadas crianças, por irresponsabilidade ou atraso mental não conseguem o currículo primário nas escolas e os professores, cansados, desistem de ensiná-las, abandonando-as à própria sorte, também determinadas criaturas, por premeditação ou segundas intenções continuam apegadas a interpretações de leis que visam resguardar a sociedade, a seu exclusivo interesse.

De vez em quando publicam e comentam reclamações de rádios do vizinho e alto-falantes de circos e parques de diversões, que perturbam o sossego e a tranquilidade daqueles que trabalham e produzem, esquecidos de que em muitas oportunidades são eles próprios que violam esses dispositivos de leis.

Mais uma prova ?

No «Correio Católico», de 8/4/57, foi publicado o seguinte :

«O Código Penal Brasileiro coibe a terapêutica do espiritismo.

Está em vigor desde 1.º de Janeiro de 1942 o novo Código Penal Brasileiro. Ali se dispõe o seguinte :

Art. 284—Exercer o curandeirismo :

I — Prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância ;

II — USANDO GESTOS, PALAVRAS ou qualquer outro meio ;

III — Fazendo diagnósticos ;

IV — Pena — detenção — o agente fica também sujeito à multa de um a cinco contos de réis.

Ora, o Espiritismo ensina que há médiuns curadores, e esses tais prescrevem habitualmente substâncias, USAM GESTOS, PALAVRAS, para ensinar a cura, fazem diagnósticos, etc.»

Vejamos algumas opiniões de autoridades civis em torno do assunto.

Do Promotor Dr. Alcides — processo contra A. G. em flagrante, em 21/8/41 (do Correio Paulista).

«Quem argúi de MISTIFICAÇÃO o «passe» espírita incide na sanção da lei positiva. Para deixar de respeitar o «passe» espírita, fôra mister que todos os gestos de mão estivessem vedados, desde que se lhe atribue virtudes milagrosas ; mas neste caso, os investigadores prenderiam São Paulo, no dia em que o admirável Apóstolo curou um enfermo de febre e disenteria, só em lhe impôr as mãos (Atos... XXVIII, v. 8).

...Toda a vez que um sacerdote católico benzer um remédio, para lhe aumentar as virtudes curativas, de acôrdo com a doutrina do dr. Henrique Bon (Précis de Medicine Catholique, 1936, pág. 684), lá irá o padre para a cadeia, mercê de um ato flagrante...»

E o Desembargador — notem bem — DESEMBARGADOR Vicente Piragibe !

(Diário de Notícias, S. P. 9/5/943).

«A reza do pessoal atrasado é, também, digna de toda a consideração. A macumba é o resultado da ignorância do povo. Não se pode condenar essa pobre preta velha, ignorante, lá de Vaz Lobo, só porque uma caravana policial, composta de dois investigadores e de uma investigadora, a surpreendeu da maneira como ela sabe rezar. A mim não impressiona o fato dessa mulher fazer das suas rezas profissão, porque também os padres são profissionais das rezas, e nós não os condenamos por isso.

Nestas condições, absolvo a ré, para que ela volte a viver no seu pobre lar».

Mais uma do Dr. Alcides Gentil?

«...nem o meu sentimento depara diferença qualquer entre as virtudes milagrosas de UM PASSE ESPÍRITA e os da ÁGUA BENTA da liturgia católica.

...Logo, não se trata, na hipótese, de méro CURANDEIRISMO. Trata-se de ato ligado a determinada crença. De mais a mais, receitar CHÁ DE ABACATE para moléstias dos rins (fls. 2 v e 4) não é ofender a ciência médica; é, por outro lado, atender a fiéis, sem o intuito de remuneração (fls. 4) equivale, sem dúvida, a dar uma assistência espiritual muito MAIS GENEROSA DO QUE AQUELE QUE COBRA, A DINHEIRO DE CONTATO, A MISSA, O BATISMO, OU A ENCOMENDAÇÃO DOS MORTOS...»

O Ministro — notem bem — o Ministro Viveiros de Castro foi como levado ao exagero de extranhar numa sentença que — «o zelo das autoridades só se acendesse contra o Espiritismo, quando todas as religiões recorrem ao maravilhoso para impressionar a imaginação dos crentes, acrescentando que *ninguém se lembrou de processar o sacerdote católico que também recorre aos exorcismos para dominar o demônio e expulsá-lo do corpo do Cristão...*» (O Espiritismo no Brasil. Dr. Leonidio Ribeiro, pág. 82).

Mais?

«O Espiritismo propriamente dito é um conjunto de condições que se firmam no mais alto conceito moral, ajustando-se a rigor, com os mais respeitáveis interesses da ordem social, sendo, como religião, das que mais fielmente se articulam com os preceitos cristãos...

...não ao Espiritismo verdadeiro;

tão elevado na sua natureza de crença cristã e tão salutar em seus propósitos, segundo as *atentas leituras que tenho procurado para bem firmar um conceito próprio*».

(Arquivo Judiciário — Vol. 3.º pág. 487).

«O Espiritismo é, segundo a lei, uma religião tão respeitável como outra qualquer. (Viveiros de Castro — Jurisprudência Criminal — pág. 220).

«Considerando que não comete crime algum o espírita que invoca os espíritos superiores para cura dos enfermos, como o sacerdote católico invoca também nos mesmos casos a proteção da Virgem Mãe ou dos Santos... Julgo-a improcedente e impronúcio a H. C. mandando se lhe dê baixa de culpa. (Dr. João Batista Pereira — Juiz Federal da 2.ª Vara. Diário Oficial — Rio, 23/2/926).

Deixando de lado os sacerdotes milagreiros, que pululam por todas as partes, os Missionários aqui estiveram realizando há pouco, a *bênção da água e a bênção da saúde* (Correio Católico — 2/4/57 e outros) e o mesmo jornal, em publicações contínuas relata os resultados da «Medalha Milagrosa» que pode ser adquirida por compra num dos conventos locais.

No entanto, os espíritas, compreensivos, tolerantes, jamais pensaram em sanções criminais neste sentido.

Convém, portanto, nossos contraditores meditarem muito em torno destas verdades.

Não se devem dominar pelo espírito de sectarismo, a ponto de somente verem os seus próprios interesses, em detrimento do interesse de seus semelhantes.

Hoje as criaturas estão saneando as suas mentes, não se deixando mais embair por inverdades premeditadas e a prova disto temos, ainda uma vez, na opinião de vários juriconsultos, opiniões que poderão ser encontradas no livro «Têm Razão?», de minha autoria, o qual aconselho que folheiem com atenção, a fim de evitarem, para futuro, diatribes que persistem em repisar.

Meditem, pois, irmãos contraditores, em torno destas concludentes verdades.

De «A FLAMA», de Uberaba, de 27 de Abril, 1957.

Operações Espirituais e Curas

General Levino C. Wischral

BREVE LEMBRETE para pessoas doentes, médiuns e dirigentes de sessões, cuja leitura se recomenda para o início das reuniões.

1 — Se estiver doente, dê ao presidente do Centro um papel contendo, de modo bem legível, nome, idade e endereço para as vibrações ou irradiações de curas. Não podendo estar presente à sessão, recolha-se a seu aposento, no dia da semana em que o Centro realizar êsse trabalho, permanecendo, se possível, só, entre 20,30 e 22 horas.

2 — Nessa hora e meia, no silêncio da noite, procure tornar-se receptivo à visita da corrente médica do espaço, que lhe virá suprir de fluidos bons, portadores de energias vitalizantes e curadoras. Para tal conseguir, tranquilize-se, harmonizando e equilibrando seu espírito. Mantenha pensamentos puros, elevados e otimistas. Imagine ver nitidamente a fisionomia de Jesus, as curas realizadas pelo Cristo-Médico, procure ouvir a fala do Sermão da Montanha, o «amai-vos uns aos outros» e a recomendação salvadora dos 70 vezes 7 perdões.

3 — Logo que o seu íntimo estiver bem calmo, faça uma prece sincera e ardente, com suas próprias palavras, pedindo a Deus e Jesus seja permitida, em seu benefício, a visita dos bondosos irmãos médicos do Alto a seu lar. Nunca recite mecânicamente orações em que apenas se movimentam os lábios, com ausência dos sentimentos do coração; estas preces nenhum efeito produzem — são nulas.

4 — Depois ler com atenção um trecho do Evangelho, procurando interpretá-lo, meditando a respeito. Recomendamos a leitura do livro: — «O Evangelho Segundo o Espiritismo» de Allan Kardec.

5 — Já agora, pode o doente contar com a presença de um ou outro médico espiritual, dos que trabalham com o Dr. Bezerra de Menezes. E' possível que o guia ou o protetor da pessoa enferma também esteja presente para ampará-la.

6 — Durante essa comunhão espiritual, entre o enfêrmo e o CRIADOR, a pessoa nada de desagradável sentirá; ao contrário, se observar vibrações boas e suaves, convém permanecer nêsse estado pelo maior tempo possível, a fim de recolher, como autêntica transfusão de sangue, o remédio e os fluidos curadores. Nessa ocasião, é possível até que o enfêrmo seja agraciado por uma operação espiritual. Convencer-se com fé de que está recebendo a cura é o estado ideal. (Raras vezes ficam vestígios ou cicatrizes de operações; — e, as propositais cicatrizes destinam-se, apenas aos incrédulos, ou melhor, aos São Tomés).

7 — Todas as noites deixar à cabeceira da cama um copo com água, para que os bons espíritos a fluidifiquem, colocando no líquido os medicamentos trazidos dos laboratórios químicos do espaço. À noite, após a prece, e no dia seguinte, tomar aos goles essa água.

8 — E' imprescindível ter fé e esperança na cura. A pessoa pode tomar passes por médium de sua confiança; não precisa, porém, relatar seu sofrimento que, aliás, deve procurar esquecer.

9 — Seguir estas instruções por muito tempo, procurando, habitualmente, ligar-se a Deus e a Jesus. Nesse período muitos são curados, outros são operados, e, aos atormentados é sempre apontada uma boa inspiração para os seus problemas. Toda dor e todo padecimento fogem da criatura se esta se enfaixar no Evangelho do Mestre, e, se manter pensamentos sinceros, honestos e puros. Nunca, como agora, precisa o homem encourajar-se com a doutrina do Cristo. Estamos na época da separação do joio do trigo com os necessários padecimentos, dôres, lágrimas, sangue e ranger dos dentes.

10 — Especialmente nos dias de sessões, recomendamos ao presidente da mesa, aos médiuns e aos doentes, um jantar sadio e delicado, abstenção completa de aperitivos, cerveja e outros alcoólicos. Procurar não discutir e nem se aborrecer. Nesse dia esforçar-se para

não comer carne e praticar, se possível, exercícios respiratórios pela manhã, diminuindo até o fumo. Todos que frequentarem sessões espíritas, em qualquer dia, devem preparar-se com esmero e pureza de pensamentos, como se fossem tomar parte num banquete espiritual presidido por Jesus.

11 — Durante o período de tratamento, procure manter uma vida fraterna com todos; sempre envolver-se em bons pensamentos, a todos desejando paz, saúde e felicidades, inclusive a seus próprios inimigos. Se assim pudermos fazer, as enfermidades e os sofrimentos desaparecerão de nós e o Reino de Deus

se estabelecerá em nosso íntimo. Porém, se assim não procedermos, então a bondade do Pai nos enviará o médico chamado DÓR, que nos curará de modo compulsório, de vez que não queremos ser curados por bem.

12 — Ter a Jesus como «Excelso Modelo» — deve ser o nosso lema; desse modo, teremos a saúde do corpo e a paz do espírito de que tanto necessitamos. O bondoso Cristo-Médico aliás nos advertiu: — «A enfermidade é a herança do pecado». Compete a nós, e a ninguém mais, aniquilar essa importuna herança corrigindo nossas ações, atitudes e pensamentos.

“A Missão de Allan Kardec”

Livro compôsto e impresso na Gráfica Tipoarte, Ltda., Rua Cabral 352, Curitiba, Paraná. Paginação e revisão claudicantes, facilmente verificáveis. A página 43, por exemplo, vem logo após a página 34. O paginador, em vez de virar a página, inverteu ou virou os algarismos... A ordem dos fatores pareceu-lhe não alterar o produto... O 3 antes do 4, ou antes do 5... ou o 4 antes do 3... A página 43 em seguida à página 34... As páginas 35, 36, 37 e 38, entre as páginas 42 e 47... As páginas 43, 44, 45 e 46, entre as páginas 34 e 39... E outros truncamentos. De fato, que importância tem isso? Com a paginação truncada, dêsse modo, ou com a corrigenda futura, o livro mais recente do Dr. Carlos Imbassahy, «A MISSÃO DE ALLAN KARDEC», edição comemorativa do 1.º Centenário de «O Livro dos Espíritos», será mais uma conta refulgente no rosário das edições da Federação Espírita do Paraná, colhida pela mão dadivosa do autor, que a cultivou com a seiva excepcional do seu talento e da sua perícia.

Esse livro chegou-me às mãos a 3/5/1957 (data da 1.ª missa em Brasília), com uma dedicatória enternecedora, assim expressa: «Ao querido amigo Aleixo Magaldi, companheiro de lutas, irmão no Ideal, amigo de sempre, oferece, não como obra de pensamento, mas do coração, o C. Imbassahy — Niterói, 1-5-57».

Quem me dera ser simples servente

de arquiteto como este!... O servente é companheiro de lutas do arquiteto, seu amigo de sempre, que lhe admira a obra mais de perto, testemunhando-lhe a proficiente abnegação. Mas, eu sou mero leitor do Dr. Imbassahy. O leitor, em relação ao escritor, é menos do que o servente. Admira a obra acabada. Não sabe das horas de vigília, da energia consumida nas múltiplas noites de leitura e nos extensos dias de meditação, entre superexcitações, insônias e jejuns, abstinências de toda ordem, etc., a que se sujeitou o escritor para lhe oferecer, prontinho para sua delícia, o livro editado. Num livro está não só o pensamento e o coração do seu autor estereotipado; está toda a vida fisiológica e psíquológica, do seu autor, no decurso do tempo de sua idealização, do seu planejamento, do seu rascunho, da sua composição, da sua revisão e da sua impressão e difusão. O livro lhe absorve a própria vida, por longos meses, de modo quasi absoluto. Ele passa a viver apenas em função da sua obra.

Que sacrifício maior pode-se exigir de um homem? Uma abnegação total.

O leitor, em geral, inadvertidamente, passa os olhos pelo livro, displicentemente. Vai da primeira à última página, às vezes, joeirando senões de mínima importância e deixando de lado as monumentais virtudes acumuladas no contexto exuberante do volume.

No caso dos livros do Dr. Carlos

Imbassahy, não há quem possa, entretanto, manter-se impassível, apático ou indiferente; a evidência da sua capacidade literária, do seu labor mental, do seu excelente bom senso, da sua lúcida inspiração e da sua lógica cristalina, prendem, como fôrça hipnótica, toda a alma do seu leitor.

Experimente, leitor. E dar-me-á razão.

Acresce ainda a circunstância lembrada pelo eminente confrade Francisco Raitani no brilhante prefácio de *A MISSÃO DE ALLAN KARDEC*: o Dr. Carlos Imbassahy «não se contenta em lançar amiudadamente à publicidade livros bem feitos; escreve para uma porção de jornais e revistas especializadas, e responde, com impecável pontualidade, pelo «Mundo Espírita», a uma infinidade de perguntas, que lhe chegam às mãos de todos os recantos do território nacional; ocupa constantemente a tribuna e o rádio, e nunca silencia ante a manobra daqueles que tentam lançar confusão na doutrina, através de «Livros Negros» e «Pastorais». E a correspondência apostolar numerosa? E as atenções pessoais, recebendo e fazendo visitas? E' um milagre, fazer tudo isso. E ainda sobra tempo para uma cariciuzinha a um cálculo renal... para uma sessão de espiritismo prático, para passes magnéticos, para cuidar de «casos», de um ou outro amigo íntimo.

Entre tudo isso, o livro *A MISSÃO DE ALLAN KARDEC* está circulando. É a voz daquele que não podia faltar na festa comemorativa do 1.º Centenário de «O Livro dos Espíritos», pela posição especial que ocupa no cenário do Espiritismo internacional. E deu-nos êle o livro indispensável ao coroamento de todas as comemorações efetuadas no Brasil, ao ensejo do 1.º século de publicidade do «O Livro dos Espíritos».

Basta assinalarmos alguns capítulos do livro, para se ter idéia da sua importância: Os Precursores, a imperiosa necessidade do advento espiritual, Pestalozzi, Allan Kardec, gênese doutrinária, objeções, o livro Negro do Espiritismo, uma pastoral.

Cita o Dr. Imbassahy, e comenta, com aquele poder de síntese e com aquela justeza que lhe é característica admirável, no capítulo «Os Precursores», os nomes dos Instrutores líderes que a Divindade enviou à Terra, de Brama, Cristina, Zoroastro, Jeremias, Buda, Lau-Tseu, Méncio, Confúcio, Sócrates e Platão até

Jesus. O Dr. Imbassahy termina êste capítulo com os períodos seguintes: «Finalmente, o Cristo. Êste legou a humanidade um Evangelho de paz, de harmonia, de perdão, de amor. Sua maior máxima era um resumo de toda a sua pregação messiânica — Amai-vos uns aos outros. E para Êle os apodos, o opróbio, o flagício, o açoite, os espínhos, a cruz.»

Retrata com côres indeléveis o quadro dantesco do Mundo, nas vésperas de surgir o Espiritismo: as lutas entre sarracenos e cristãos, entre católicos e protestantes, o Crucifixo presidindo os tormentos infernais da Inquisição, a Roma pseudo cristã pior que a Roma de Cesar, destronando e substituindo reis, sacrificando Galileu, Copêrnico, Colombo, Giordano Bruno e ouros tantos que tentassem algo em desacordo com a Sagrada Escritura, embora cientificamente enquadrados na Astronomia, na Matemática, na Cosmografia, na Hidrostática, na Quimica ou na Medicina.

Extraordinário capítulo êste, «A Imperiosa Necessidade do Advento Espiritual.»

Afinal, não há mesmo, a rigor, o que escolher no *A MISSÃO DE ALLAN KARDEC*. O livro é realmente digno de realçar mais ainda o renome do Dr. Imbassahy, dêsse caçador de perolas do Espiritismo. Por hábito de tomar contacto com tais pérolas, já tão bem se mimetizou, de forma cabal, que nos parece que, êle, o Dr. Carlos Imbassahy é a pérola maior, a pérola real.

Leia o livro e verifique, por si mesmo, o leitor.

Cada capítulo retempera conceitos conhecidos, com vivacidade e brilho crescentes, ajuntando-lhes, a cada passo, novos conhecimentos, rebuscados aqui e alhures, em fontes autorizadas, em autores internacionais, cultores dos mais variados ramos da ciência. O leitor avança página a página, sempre mais ávido de maiores revelações, superexcitado pelo estilo cativante e pela exposição clarividente do consagrado publicista, emérito autor de tantos livros doutrinários.

Registre-se com ufania, que «o Dr. Carlos Imbassahy exerce a difícil arte de escrever com entusiasmo e devoção, sem visar lucros. Os seus livros correm mundo, instruem e educam; e êle permanece sobranceiro ao interêsse monetário, ape-

nas preocupado em divulgar e defender o Espiritismo. Ainda agora esta obra, *A MISSÃO DE ALLAN KARDEC*, êle a destinou ao nosso amigo comum João Ghignone, que a enviou à Federação Espírita do Paraná, para fins de beneficência.»

E os seus adversários? Ou melhor, os atacantes do Espiritismo, contra os quais galhardamente polemiza o Dr. Carlos Imbassahy? Êstes andam com a bolsa de Judas trinta mil vezes mais recheiada. Escrevem para defendê-la.

Para confirmar as suas já famosas qualidades de polemista elegante e brandicioso, o Dr. Imbassahy dá-nos, no final de *A MISSÃO DE ALLAN KARDEC*, os capítulos: «O Livro Negro do Espiritismo» e «Uma Pastoral». No primeiro dêstes, o Dr. Imbassahy contradita «um contumaz adversário da doutrina espírita», que resolveu estabelecer como sendo quatro os fatores que formam a doutrina espírita: a evocação dos mortos, a credibili-

dade dos médiuns, o crédito que merecem os Espíritos, a honestidade de Allan Kardec. O autor de «O Livro Negro do Espiritismo» julgou que, destruindo êsses quatro fatores por êle mesmo estabelecidos como base do Espiritismo, estaria eliminada a doutrina, mesmo que a destruição fôsse feita a seu geito. Mas o Dr. Imbassahy mostrou que S. S. não destruiu coisa alguma, oferecendo-lhe uma série de provas evidentes; colhidas por todo o mundo, em milhares e milhares de fatos. E no segundo dêstes capítulos, vêm os comentários incinerantes da recente Carta Pastoral lançada contra o Espiritismo, com o título de *Cristo e o Espiritismo*, cujo resumo publicou o *Correio da Manhã* de 23/12/56.

O livro do Dr. Imbassahy... Só mesmo lendo!

Vamos a êle, leitor.

Aleixo Victor Magaldi.

Volta Redonda.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XXII CAPÍTULO Sapataria Esmeralda

1) Na semana seguinte à de minha saída do *Hotel Central*, estava dono de uma sapataria de ultima espécie. De ultima classe, quer no prédio, quer nas instalações e sortimentos. Situada na *Ladeira do Taboão*, pertinho de minha nova residência, à *Ladeira do Pelourinho*.

2) Adquiri-a de seu proprietário, um português quase falido e desacreditado, que andava insistindo comigo para impingir me a sapataria.

3) Uma bôa oportunidade para eu voltar ao primitivo officio. Mas, onde arranjar o dinheiro para pagar ao português a sua *massa-falida*, e para comprar aviamentos?

4) Um rapaz sergipano, H. B., tinha dinheiro na *Caixa Econômica*, de que ia vivendo sem trabalhar. Quis associar-se a mim. Mas, entrando só com o dinheiro. Não queria nada com o trabalho...

5) Aceitei sua proposta. E foi com dois contos de réis, que ele tirou da *Cai-*

xa Econômica, que eu indenizei ao português...

6) E, para homenagear o sócio, pusemos o nome de sua irmã na sapataria — *Sapataria Esmeralda*.

7) Os aviamentos para o negócio, apanhei-os, a crédito, na firma Silva & Dutra, à subida da *Ladeira do Taboão*. Casa de dois sócios, o Silva, bom moço, de poucas conversas. O Dutra, mais velho, reumático, falador, gabola.

* * *

8) O J. J. Seabra havia sido empossado no governo da Bahia. Na primeira manifestação popular de desagrado ao governo, ouviu-se o estouro de um tiro. Tratava-se, entretanto, de uma bomba de clorato, queimada de brincadeira, por um gaiato. O povo que ouvia, interessado, o discurso do governador, entrou a debandar. Mas, o governador acalmou-o, dizendo, tonitroante, com um arzinho de riso: «Calma! Calma! Povo que corre não é homem!».

9) O Dutra contava aquilo, baban-

do-se de gozo, a dizer fôra êle quem acendera a bomba, quem fizera a bomba explodir...

* * *

10) O primeiro operário que me apareceu, foi o Uriel, meu visinho em Plataforma, que andou me ensinando a solar sapatos inferiores; que me afastou da beatice da Igreja, quem primeiro me falou em Escritura Sagrada, levando-me, até, a lêr muito mocinho ainda, a Bíblia...

11) Vendeu-me sua máquina de costurar couro, que eu devia pagar, parceladamente, independente dos serviços que ele prestasse à Sapataria.

12) Recebeu dinheiro pela máquina e não apareceu ao serviço. Depois, veio busca-la, pois, havia-a vendido a outro, recebendo do outro maior quantia.

13) Estava bebido. Já se havia viciado no jogo e no alcool. Trocara, assim pela Bíblia e por sua pureza, o duplo vício de beber e de jogar. Só mesmo uma grande atuação de maus espíritos!...

14) Neguei-me a entregar-lha. Só se me reembolsasse de quanto já lhe havia dado.

15) Foi ao delegado de policia. Eu tive, também, de comparecer à Delegacia. Aliás, a primeira e única vez em que me vi metido em complicações policiais.

16) Conteí tudo ao delegado, que me deu razão. E disse a êle: O senhor recebeu dinheiro dêle e não foi trabalhar na sua tenda. Não posso obrigá-lo, a entregar-lhe a máquina, a menos que o senhor lhe devolva o dinheiro recebido...

17) Cá fora, o pobre do Uriel, fedendo muito a cachaça, me contou, a choramingar, sua desgraça. Havia vendido a máquina a outro, que já lhe havia dado mais dinheiro do que recebera de mim. Ora, se êle não entregasse a máquina ao outro... Ele me indenizaria depois...

18) Basta! Basta! Leve sua máquina. Leve-a.

19) E vi, com os olhos úmidos, aquele homem que fôra para mim o simbolo da pureza, aquele homem com quem aprendi algo do officio de sapateiro; aquele homem que me transmitiu os primeiros conhecimentos bíblicos e o gosto pela Bíblia, descer tanto... tanto... tanto...

Só mesmo obra de diabinhos coxos!

20) Foi mais uma decepção forte de minha vida!

* * *

21) O Inácio, que aprendera a ler, em pequeno, comigo, em *Plataforma*; foi o Inácio a quem eu ensinei o A. B. C., misturando o nome das letras a cascudos, a ponto de minha mãe intervir, e ele responder a ela, humilimo, com uma lição para mim que, ainda hoje, cinquenta anos depois, recordo emotivamente; foi o Inácio, o segundo auxiliar que me apareceu para trabalhar na sapataria.

22) O Orlando, que se casára com a filha do primeiro patrão que eu tive em Salvador; moça que me fôra um forte namoro; foi seu marido, o Orlando, o terceiro oficial que me apareceu. Era cortador de calçados: sapatos, botinas, borzeguins, sandalias, chinelos, tudo. Mas não gostava de trabalhar, não acordava cedo, só trabalhava depois do almoço.

23) Trouxe todos os seus moldes em papelão, em metal. Aliás, bons moldes. E cortava numa hora, mais peças do que outros num dia. Vinha, a seu favor, qualidade apreciabilissima... Mas, ainda faltava muito ao serviço.

24) D. Malvina, uma jovem muito simpática, apresentou-se para costureira. Costurava bem e ligeiro. A despeito de ser também — embora faltasse muito ao serviço — ligeiro o cortador, a costureira ficava, às vezes sem ter o que costurar...

25) Eu, a testa de tudo, observando tudo. Principalmente como se cortava, como se costurava. E compreendendo que, um dia, eu podia ficar sem o concurso do cortador e da costureira, passei a tirar moldes dos moldes do Orlando, que os guardava cautelosamente.

26) Passou o primeiro mês. A receita mal deu para as despesas. O sócio quis embolsar, sem trabalhar, juro cinco vezes maiores do que os da *Caixa Econômica*...

27) E cheio, ademais, das conversa dos irmãos Moura, donos das saparias mais sortidas da zona, que lhe diziam devia ser motivo de orgulho para todos nós, se os calçados fabricados na Zona do Taboão fossem os melhores, os mais procurados e preferidos de todos; os mais bem feitos e mais baratos, revelou o sócio, desejos de deixar a so-

cidade. Tanto mais vendo que os nossos calçados...

28) A sapataria antiga não havia pago nenhum imposto à Intendência Municipal. Foi o José Firmino de Brito, já nosso conhecido, que, como funcionário da Intendência, deu baixa no velho débito da outra sapataria...

29) Os auxiliares também chegavam tarde de mais. E queriam embolsar polpudos rendimentos.

30) Que fazer então? Despachar todos. E procurar reembolsar, a parcelas, ao sócio capitalista.

31) Fiquei eu e o Inácio somente. O Inácio encarregado do solar e eu, no corte e na costura. Passei, assim, a cortar e costurar de calçados...

32) Ah! quantos cortes e quantas

costuras mal feitas, horrivelmente mal feitas, servindo isso para o descrédito crescente da sapataria.

33) Nesse comenos, pega fogo num armário visinho. Ora, nada estava no seguro. Foi um rápido pôr fóra, na rua, tudo que se continha na sapataria, a ponto de interceptar a ação dos «bombeiros». E as mangueiras jorravam água à vontade, para apagar o fogaréu, molhando tudo, também, desastrosamente: couros, fôrmas, calçados, máquinas, tudo de minha desvalorizada sapataria...

34) Dias depois, um começo de incêndio em outro armário por baixo de minha residência. Foi um tal de jogar cacarêcos do andar para baixo, para a *Ladeira do Pelourinho*, quebrando-se a maior parte dos pobres móveis...

Crônica Estrangeira

Materialização de formas sólidas enquanto ela dormia

«*Two Worlds*»

Kate Mc Askill não sabia que era médium de materialização, simplesmente porque as figuras só se apresentavam em formas sólidas enquanto ela dormia. Ela foi mencionada pela Sra. H. E. Gardiner em «*Sunday Mail*» jornal, para provar que outros além de Helen Duncan, possuíam «um excesso de ectoplasma».

«Eu conheci tal médium», disse a Sra. Gardiner. Ela passou a vida sem saber que, quando profundamente adormecida, espíritos aproveitavam a oportunidade para se materializar, andando pelo aposento e vestidos como quando em seus corpos terrestres. «Eu e mais pessoas os vimos, bem contra a nossa vontade, devo confessar».

Pedimos à Sra. Gardiner ampliar seu relato devido a sua extraordinária natureza. Aquí ela assim o faz.

Kate Mac Askill era minha parente próxima, cujo pai pertencia à Ilha de Harris.

Quando atingiu à maioridade, ela foi

morar em Midlands da Escócia e lá passou toda sua vida. Durante as férias eu ficava em sua companhia, numa pequena casa de três cômodos, numa região triste e solitária.

A noite despertei aterrada ao ver uma figura alta, de pé, entre as duas camas, e concluí que a casa estava assombrada e nunca mais lá voltei. A figura estava vestida dos pés à cabeça, com roupa flutuante de coloração amarelada. Ela se deslocava com movimentos oscilantes. Toda sua atenção era dirigida para o exterior de uma janela. Não estava escuro, pois estávamos ainda na força do verão.

A Volta do Professor

Eu podia ouvir a estertorosa respiração de Kate através da estreita passagem entre as duas camas, assim eu sabia que ela estava dormindo. A figura levantou um braço e afastou as cortinas para ver melhor. Em seguida, voltou para dentro do quarto e vendo alguma coisa sobre o soalho, curvou-se para apanhá-la. Foi nessa ocasião em que me escondi debaixo das cobertas, de onde só emergi pela manhã.

Alguns anos depois, Kate estava morando numa casa situada em pequena cidade, quando ela sofreu terrível espanto.

Ela acordou e viu seu antigo professor a percorrer o quarto. Ela disse que ele vestia a elegante roupa e finos sapatos de couro, como acontecia durante sua vida. Ela acrescentou em tom de grande espanto: «Ele morrera muitos anos atrás».

«Cheia de Neve»

Ela lhe perguntou o que queria. Ele rapidamente se dirigiu para uma pequena sala exterior onde havia vestuários. Ela o acompanhou. Volto a citar suas palavras: «Ninguém lá estava, a porta externa estava fechada por dentro, mas a coisa estranha era que a sala estava cheia de neve».

Eu percebi que aquilo que ela supunha ser neve no verão era o ectoplasma dissolvente. Mas eu não ousei dizê-lo, pois temia amedrontá-la ainda mais. Ela estava seriamente afetada por êsse acontecimento e sua saúde nunca mais voltou por completo.

Outra ocasião que achei bem humorística, ocorreu em outra casa, situada em rua movimentada. Era outra vez tempo de férias, tarde quente e ensolarada, e Kate estava adormecida em seu quarto. Ela usualmente gozava de sesta à tarde. Eramos eu e duas jovens escolares as únicas presentes.

Figura Completa

Súbitamente saiu do quarto de Kate um homem completamente vestido com roupa amarelada. Ele atravessou o corredor e entrou na sala de estar, estacando logo ao ver as ocupantes que o fixavam espantadas. Ele estava tão completamente formado, da cabeça aos pés, que a única coisa a parecer fóra do normal era a sua roupa que se assemelhava à lã de carneiro. Daí em diante as duas colegas o denominavam «O Homem de Lã».

Ele deu algumas passadas no quarto, olhando com espanto. Seus olhos eram pretos e brilhantes. A mais velha das estudantes dirigiu-se a êle e disse «Quem é o senhor e que deseja?» Não houve resposta, mas, de súbito, a mais moça exclamou: «E' um espírito!»

Ele se Esvaeceu

Ele voltou-se e rapidamente se encaminhou para o quarto, perseguido pelas duas moças. Ele passou ao lado de Ka-

te e entrou num pequeno quarto quadrado, além do dormitório, que servia de guarda-roupas, com caixas de chapéus e cabides. Ele levantou uma capa de veludo pertencente a Kate, por trás da qual desapareceu.

A mais velha das moças tirou a capa do cabide mas, naturalmente ninguém lá se achava. A única coisa visível era uma pequena carteira de dinheiro pertencente às jovens. Com toda a seriedade a mais velha voltou-se para a companheira e disse: «Agora sabemos quem tem roubado o nosso dinheiro».

Brutalmente nós despertamos Kate para contar-lhe a espantosa ocorrência, o que nós agora sabemos ter sido grande êrro de nossa parte, devido ao choque produzido.

Os Manuscritos do Mar Morto

Luis Wiznitzer

Pela Air France

Os manuscritos do Mar Morto foram descobertos em 1947, por beduinos que transportavam gado, em jarras onde êles estavam desde mais ou menos dois mil anos. Nas ruínas de Quamran, cientistas, historiadores do mundo inteiro vieram decifrar, estudar os extraordinários documentos que até hoje não revelaram todos seus segredos. A descoberta não só traz valiosas informações para a exegese bíblica, mas estabelece definitiva e detalhadamente, a existência de uma comunidade Essênica, cujo legislador era chamado «Maestro de Justiça» e cuja mística, cujos valores morais, cujos ritos assemelham-se tremendamente aos de Cristo e do cristianismo primitivo. Alguns concluíram apressadamente que êste Mestre da Justiça ensinou e praticou o cristianismo antes do Cristo, que êste era apenas um discípulo dos Essênios, com mais sorte e cuja mensagem foi carregada por um momento histórico. Pensando com mais cuidado, estudando com mais modéstia, não se pode aceitar esta conclusão. Porém, a descoberta dos documentos do Mar Morto abre o problema da personalidade do Cristo e das tradições religiosas e morais que reinavam na Palestina nos anos que precederam seu nascimento.

O livro mais interessante e completo sobre o assunto é o de Millar Burrows (Ed. Laffont): «Les manuscrits de la mer morte».

Resumindo o livro em pontos principais, temos o seguinte: João Batista teve contactos com a Comunidade dos Essênios. Ele batizava a poucos quilômetros de Quamran. Sua doutrina se parece com a dos Essênios. Em ambas encontramos a idéia de «Preparar no deserto o caminho do Senhor». A Bíblia fala dos Saduceus, dos Fariseus mas não dos Essênios. Estes eram os «Pobres de Israel», «os verdadeiros israelitas». No meio deles, Cristo encontrou seus primeiros discípulos. A descoberta do calendário de Quamran permitiu resolver um grande problema histórico; o da data em que ele celebrou a última Páscoa. O dia era quarta-feira, 15 nizan. O processo de Cristo levou três dias. Cada refeição dos Essênios incluía a bênção do pão e do vinho. No ensino de Cristo encontramos frases parecidas com as empregadas pelos Essênios; por exemplo, a oposição dos Filhos da Luz e dos Filhos da Sombra; a imagem da Igreja feita uma árvore. Ficou definitivamente estabelecido que Cristo não foi um Essênio. Em alguns pontos, suas idéias eram completamente diferentes das essênias. Os Essênios observavam rigorosamente as prescrições religiosas, datas, etc. Cristo não se importava muito com isso. O Mestre da Justiça fica na tradição dos Profetas que sofreram para poder proclamar sua mensagem. Mas não se fala de ressurreição. Nem se tem certeza de que ele foi morto. O Mestre da Justiça, como os santos de um modo geral, tinha consciência de ser um pecador. O sentimento de ser um pecador é comum aos santos. Porém jamais Cristo disse, agiu de um modo que autorizou pensar que ele tinha este sentimento. É um grande mistério. O Mestre da Justiça tinha consciência da imensa distância que o separava de Deus. Nunca ele reivindicou as prerrogativas divinas. «Quem pode salvá los do pecado, senão Deus?», dizia ele. Cristo sempre se comportou como Filho de Deus. Outros pontos mostram semelhanças entre as primeiras organizações cristãs e os essênios. Ambos tinham 12 apóstolos. Ambos tinham padres. Am-

bos viviam na humildade, na prece, na comunhão de bens, na pobreza, na austeridade. O essencial da primeira comunhão cristã não está nos textos, nem na organização, mas na personalidade de Cristo. Tudo em torno dele, dependendo dele. Com os essênios é diferente. Muitos, inclusive Filon e Josefe escreveram sobre os essênios sem falar do Mestre da Justiça. A personalidade dele não importava, para a compreensão da doutrina. Há muita semelhança entre os textos de Paulo e dos essênios; o nome de Belial para definir o diabo; o mistério da injustiça; a noção que só Deus é justo, que o homem não possui justiça. São João apresenta com os Essênios afinidades ainda mais estreitas. Expressões como «Luz de vida», «Filhos da Luz» encontram-se nos textos de um e de outros. A conclusão é que o ambiente em que o pensamento de João se formou não foi grego, mas sim essênio. Outra conclusão: em sua origem, o cristianismo é independente do esseanismo; mas os dois se encontram mais tarde, no seu caminho.

Mais alguns pontos. O mais antigo catecismo que se conhece, de Diache, se parece muito com as regras e os temas dos essênios. Anjo de justiça, anjo de injustiça, caminho da luz, caminho da sombra. Um grupo de cristãos heterodoxos achavam Cristo um grande profeta, mas não o Filho de Deus. Eram os Ebionitas cujas concepções encontram-se ainda na Jordânia no século IV e que influenciaram o Islam. Os essênios eram padres, enquanto os cristãos eram apóstolos. Porém, no século III, apareceu no Egito um monaquismo cristão, o dos Coptas, que muito deve aos essênios.

Já dezenas de livros foram publicados sobre as descobertas que despertaram revoluções na história das religiões. Porém, é preciso andar com cuidado e não se deixar levar por um racionalismo fácil e fútil. Os essênios eram judeus religiosos, observadores da lei, que aguardavam a chegada do Messias. Os cristãos eram missionários que iam pelo mundo levar a nova Fé. A semelhança entre eles está sobretudo nos valores morais e nas imagens religiosas.

De «Diário de Notícias», de Março de 1957, do Rio de Janeiro.

Espírita verdadeiro é aquele que procura pôr em ação a moral evangélica em toda a parte onde se encontrar. — QUINTILIANO.

ESPIRITISMO NO BRASIL

1.º Centenário da Codificação do Espiritismo

Encerramento das Comemorações, no Sul Fluminense

As Sociedades Espíritas do Sul Fluminense do Estado do Rio deram uma demonstração viva de união e de concórdia, no corrente ano de sua existência. Doze Centros dessa região do Estado, de Maio de 1956, data da eleição da primeira diretoria da Confraternização Espírita Sul Fluminense, por êles organizada, através de reuniões bi-mensais, cada vez em uma das suas cidades, porfiaram em dar mais vida às atividades do Espiritismo nelas exemplificado. Dentre muitos, o assunto mais importante de que cuidaram foi a comemoração do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo (18 de Abril de 1957). Começaram cedo a fazer essa comemoração. Cada Centro, mensalmente, efetuou uma sessão comemorativa na sua sede, na qual um vulto notável do Espiritismo realizou uma conferência solene. E na última semana, de 14 a 21 de Abril, houve, em cada cidade, solenidades comemorativas, com palestras e conferências de alto valor doutrinário, proferidas por figuras destacadas das lidas espíritas, como remate da comemoração.

Coube à tradicional cidade de Barra do Pirai, por consentimento unânime dos doze Centros confraternizados, encerrar oficialmente o movimento comemorativo promovido pela Confraternização Espírita Sul Fluminense. E Barra do Pirai, como se esperava, saiu-se galhardamente no desempenho dessa tarefa. O Grêmio Espírita de Beneficência, daquela lendária cidade, chamou a si todos os encargos do encerramento festivo das solenidades de comemoração do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo, realizadas na zona Sul do Estado do Rio. Para tanto engalanou os 3 salões da sua sede.

A Sala da Bibliotéca, por exemplo, tinha ao centro uma grande mesa onde, artisticamente dispostos, se viam: números comemorativos do *Reformador*, ór-

gão oficial da Federação Espírita Brasileira, tendo na capa o retrato de Kardec e na contra-capa o retrato de sua esposa Amelie Boudet; exemplares de lembranças originais impressas (Prece de Gerônimo; acróstico formando com os nomes dos livros psicografados por Chico Xavier a legenda — «Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade»; quadrinhas do «Poeta da Barra», confrade Sebastião Lanneau, sôbre cada um dos livros de Kardec; 34 fotografias de todos os departamentos do Grêmio Espírita de Beneficência; as Bemaventuranças, Mat., cap. 5, vs. 1 a 12; e um marcador de páginas, com algumas Reflexões de Oscar F. Carneiro), etc. As estantes circundavam a sala, mostrando mais de mil volumes, dentre os quais sobressaiam coleções completas das obras de várias celebridades mundiais, língua própria de cada autor, como Voltaire, Balzac, Buffon, D'Annunzio. A sala do meio, caprichosamente decorada, servia para a exposição dos Livros Espíritas.

Os dispositivos, os quadros, etc., da referida exposição, foram inspirados mediunicamente a vários confrades que os confeccionaram.

Na parede, à direita de quem entra, estava um mapa da França, cortado em papelão, medindo 2 ms. x 2 ms., mantendo em relêvo no seu centro uma estrela de cinco bicos, de 1,20. m. x 1,20. m. a qual sustentava em cada bico uma das obras fundamentais de Kardec, amarrada com fita das côres da bandeira francesa. No meio da estrela, o retrato de Kardec. (Simbolizava o quadro todo: A França irradiando para o mundo a luz do Espiritismo através de Kardec, o seu codificador).

Na parede de frente, salientava-se um mapa do Brasil, também cortado em papelão, com a dimensão de 3 m. x 3 m. ostentando no ponto central um coração recortado em veludo encarnado de 1,5 m. x 1,5 m. centralizando êste coração um retrato de Chico Xavier sobreposto a grande número de livros por êle psicografados, atados com fitas das côres da Bandeira Nacional. (Simbolizava o quadro todo: o «Brasil, Pátria do Evan-

gelho e Coração do Mundo», graças em grande parte aos livros psicografados por Chico Xavier).

Nas paredes da entrada e da esquerda, a meia altura, quadros com retrato de Kardec e fac-símile do Livro dos Espíritos, contendo trechos dos livros mediúnicos de Emanuel, de André Luiz, de Humberto de Campos, sonetos ditados por Bilac, poesias de Casimiro Cunha, psicografados por Chico Xavier.

Na sala superior, festões, fiâmulas com retrato de Kardec, presas a um cordão, circundando as quatro paredes.

A um ângulo, do lado direito do mapa do Brasil, estava um V, de 1,5 m. apoiado sobre uma Bíblia, suportando em cada perna, de degrau em degrau, variados livros de André Luiz, com o retrato de Chico Xavier no Centro, preso a cada degrau por fitas auriverdes. E no meio da sala, sobre uma grande mesa, de 5 m. x 1,5 m., uma pirâmide cuja base era de 1,20 m. de cada lado e cuja altura era de 2 m., terminada por um fac-símile do Livro dos Espíritos. Nas 4 faces da pirâmide, variadíssimos volumes de obras espíritas em exposição, artisticamente dispostas. De uma banda da mesa, a miniatura da Bandeira do Brasil, rodeiada de fac-símiles do selo comemorativo do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo e uma coleção das 25 Bandeiras Históricas do Brasil, em miniatura, as do Brasil Colônia até a última do Brasil Império, excluída a atual, a da República, adotada 4 dias depois da Proclamação, a 19 de Novembro; e da outra banda da mesa, o retrato de Kardec e o retrato de Chico Xavier entrelaçados por fitas, umas com as côres do Brasil, e outras com as côres da França, entre miniaturas das respectivas bandeiras, além de 2 grandes albuns com 20 folhas cada, cada folha com 4 fotografias dos serviços das diversas dependências do Grêmio Espírita de Beneficência, dos seus prédios, como sejam: a Séde, o Pronto-Socorro, o Albergue Noturno, o Asilo de Velhos, a Escola Primária, patrimônio avaliado ao preço do «tempo do onça», em Cr. \$ 5.000.000,00.

No salão de conferências, 15 quadros, 5 em cada uma das paredes laterais, de 0,20 m x 0,30 m, com retratos dos vultos maiores da Doutrina, colaboradores mais diretos de Kardec, no centro de trechos notáveis de suas obras, dentre os

quais Amaral Ornelas circundado pelo seu soneto — KARDEC — SÉCULO XIX, psicografado por Chico Xavier.

Por este bosquejo, pode-se formar um juízo da imponência do ambiente da solenidade do dia. Para completar o ambiente material, acrescia a circunstância das salas fervilhando de visitantes, achando-se representados todos os Centros Espíritas locais.

Como coroamento de tudo isso, o salão de conferências superlotado, numa tarde amena, às 15 horas, teve-se a ventura de ouvir o Professor Newton Gonçalves de Barros. Sua conferência, como sempre acontece, foi realmente sugestiva, encantadora e profundamente emotiva e instrutiva. Pena é que não haja espaço para resumi-la aqui. Não podemos, porém, passar sem dizer que êle começou evocando os tempos em que, naquela mesma sala, aprendeu a ler e escrever, tendo como professor aquela que se achava, na hora presente, assentada numa das poltronas, ali, a ouvi-lo, tempos aqueles em que o seu pai, Alberto Gonçalves de Barros, agora líder dos espíritas de Cachoeira Paulista, era o presidente do Grêmio Espírita de Beneficência... A essa altura, não me pude conter. Pedi licença ao orador; propuz (e fui atendido) à assistência uma salva de palmas àquelas três figuras: o filho, o pai e a velha mestra. Foram êles ovacionados calorosamente. Solicitei ainda que a mestra se puzesse de pé; e a sala toda extrugiu de palmas. Uma justa apoteose.

A mesa que presidiu os trabalhos estava assim composta: Pedro Jacinto Pereira Filho que presidiu a reunião, presidente do Grêmio Espírita de Beneficência; José Ferreira de Araujo, presidente do C. E. Flora de Araujo (Resende); Benedito Honorato, do C. E. Allan Kardec, Luz e Amor (Pinheiral); Silvana Ceriati, do C. E. André Luiz (Porto Real); Oscar Silva Marins, do C. E. Filhos da Luz (Barra Mansa); João Pedroso Filho, do C. E. Amor e Caridade (Santanésia); Vicente de Paula Araujo, da União E. de Advertência Fraternal e Aleixo Victor Magaldi, da Associação Espírita Estudantes da Verdade (ambos de Volta Redonda); Joaquim Macêdo, do C. E. Vicente de Paula (Mendes); Dilson de Almeida, da Fraternidade E. Emanuel; Liberalino Cabral Junior, da Tenda E. Rei Congo; Manoel Gon-

çalves Casanova do C. E. Bezerra de Menezes; João Batista Novais, do C. E. Pai José Cambinda; Vitalino Costa Leite, do C. E. Poder da Fé; Ayres Macedo, do C. E. Amor e Verdade; Malvina Porto Corrêa, do C. E. José Grosso (todos de Barra do Pirai).

Coisas e seres humanos, a evocarem uma época de glórias.

Terminada a conferência, foram sorteados diversos livros espíritas e muitos números de *Reformador*, entre os ouvintes que assinaram o livro de presença, em número de 172. Distribuíram-se 768 impressos artísticos, como lembrança. Além disso, cada Centro levou 10 números de cada um dos 5 impressos-lembrança, para distribuição nas reuniões efetuadas por eles na sua sede, no dia 18 de Abril, no término oficial das comemorações festivas do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo.

A parte artística, no palco, esteve a cargo de Rezende, Barra Mansa e Píneiral, correndo tudo muito bem.

Barra do Pirai, através do Grêmio Espírita de Beneficência, dêsse modo, prestou à Confraternização Espírita Sul Fluminense, um serviço inestimável.

Parabens!

Aleixo Victor Magaldi.

Notável Movimento Espírita

Realizou-se no dia 18 de Abril, na Capital, no ginásio do Pacaembú, à noite, conforme fôra anunciado, a solenidade da abertura das comemorações do Primeiro Centenário da Codificação do Espiritismo.

Dos bairros da Capital e municípios circunvizinhos, em ônibus, carros particulares e taxis, o povo acorreu afim de participar de um dos mais notáveis movimentos espíritas de que tivemos conhecimento.

O ginásio do Pacaembú foi pequena para conter a grande parada espírita, calculada em oito mil pessoas aproximadamente. Foi realmente um movimento de fé cristã, de fé consciente que ficará registrado nos anais espíritas.

A solenidade teve início quando se fez ouvir o Coral da Federação, dando um momento de alegria que a todos entusiasmou.

Após essa parte de arte, todos os

presentes foram convidados a fazer uma concentração em prece. A seguir, fez-se ouvir a palavra do apreciado orador espírita Dr. Luiz Monteiro de Barros, presidente da USE, que falou sobre o momento histórico. Outros oradores, também credenciados, se fizeram ouvir, entre os quais D. Luiza Peçanha Branco, Herculano Pires e Dr. Euripedes de Castro, todos agradando em cheio a numerosa assistência que lotou completamente o ginásio do Pacaembú.

A grande solenidade foi irradiada através das estações Rádio América e Rádio Progresso, esta espírita. Foram distribuídos ao povo milhares de exemplares de «O Semeador».

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 263.645,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saúde.

Telegramas de Congratulações

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, enviou aos Exm^{os}. Srs. Presidente da República e Diretor do Departamento dos Correios e Telégrafos, os seguintes telegramas por motivo da emissão do Sêlo Comemorativo do 1.º Centenário da Codificação do Espiritismo:

Presidente Juscelino Kubitschek — Palácio do Catete. Nesta.

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, instituto de investigação científica e de difusão da moral, congratula-se com Vossa Excelência pela emissão do sêlo comemorativo do centenário da obra de codificação do Espiritismo, ato que constituirá marco lu-

minoso na História do Brasil, pelo que representa de clarividência, compreensão e justiça, certo como é que o Espiritismo hoje empolga imensa parcela da população do Brasil, projetando o nome de Vossa Excelência assim, realmente, como Presidente de todos os brasileiros, e não, apenas, de parte dêles, embora a maior. E' com atos iguais a êsse que se pratica a genuína democracia. A paz mundial estará preservada no dia que os governantes tiverem mentalidade arejada e, não, trevosa. Rendam graças a Deus os Povos que têm a felicidade de possuir dirigentes da lucidez de Vossa Excelência. Saudações atenciosas. *Milton de Andrade*, Presidente.

Diretor do Departamento dos Correios e Telégrafos. Nesta.

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, instituto de investigação científica e de difusão da moral, felicita Vossa Excelência pela emissão do sêlo comemorativo do centenário da obra de codificação do Espiritismo, apesar da campanha dos que pretendem viver no Século Vinte com mentalidade da Idade Média. O Brasil felizmente conta com servidores cuja compreensão, tolerância e justiça engrandecem a administração pública. A passagem de Vossa Excelência pela administração dos Correios e Telégrafos sinão por outros ficará marcada por êsse ato de independência mental e de grande valor pessoal. Saudações atenciosas. *Milton de Andrade*, Presidente.

Dia do Livro

«De Reformador»

Nesses dois últimos anos vinha a Câmara dos Vereadores desta Capital estudando o projéto do Sr. Edgard de Carvalho, para a instituição do Dia do Livro. Finalmente, em 3 de Outubro de 1956 (*), o Prefeito do Distrito Federal Embaixador Francisco Negrão de Lima, sancionava a lei daquela Casa Legislativa, lei que no artigo 1.º estabelece: «Fica instituído o Dia do Livro, celebrado todos os anos, a 18 de Abril, data natalícia do escritor Monteiro Lobato, livreiro e editor, vivendo do livro, pelo livro e para o livro».

Três coincidências, se assim nos podemos exprimir, podem ser observadas numa análise da aplaudida resolução.

Em primeiro lugar, como é notório, os espíritas, comemoramos, desde 1943, precisamente na data de 18 de Abril, o «Dia do Livro Espírita».

Em segundo lugar, a lei em causa foi sancionada justamente a 3 de Outubro, dia em que rememoramos a data natalícia de Allan Kardec.

Em terceiro lugar, o grande escritor Monteiro Lobato, escolhido para patrono do «Dia do Livro», em diferentes ocasiões revelou suas marcadas tendências para o Espiritismo, de cujos adeptos se tornara bastante simpático. Traduziu êle a famosa obra espírita—«Raymond»—da autoria de Sir Oliver Lodge; escreveu páginas em torno do assunto; e, inspirado, declarou no seu livro «Antevéspera»: «O Espiritismo será a religião de amanhã porque «prova» a sobrevivência». Todavia, parece que Monteiro Lobato jamais tomou uma atitude claramente definida, talvez porque previsse a hostilização que o clero moveria contra as suas obras para a infância, as filhas mais queridas do seu coração.

(*) «Diário Oficial», seção II, 5 de Outubro de 1956.

A Centelha—mensário cristão

Telegrafa a S. S. o Papa Pio XII

Em razão da vultuosa arrecadação feita para construção das torres da Catedral da Sé, o mensário cristão A CENTELHA enviou a S.S. o Papa Pio XII o seguinte telegrama: «Pio XII Vaticano — Roma — A Centelha, mensário cristão roga em nome do amor ao próximo vossa intervenção sejam os fundos da campanha para as torres da Catedral da Sé, de São Paulo, aplicados em socorros á infância e velhice desamparadas e aos doentes necessitados de um leito de hospital. Na recepção deste apelo Deus Supremo Arquitecto do Universo ilumine vossa santidade. Fraternalmente.»

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.^a edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancial, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim»!

Preço : cr.\$ 20,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.^a edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de mousenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. \$ 20,00, inclusive porte e registro.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina — 2.º vol.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Spíritus Maledíctus
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Snâmbula
Memórias de um Redivivo
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vol.

Infantis:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
História de Catarina
Contos Infantís Espíritas
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

| | | | |
|----------|---|-----------------------|-------------|
| Ano | — | Assinatura simples | Cr.\$ 90,00 |
| Semestre | — | „ „ | 50,00 |
| Ano | — | Assinatura registrada | 120,00 |
| Semestre | — | „ „ | 65,00 |

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

